

TRAVESSIAS DE EÇA DE QUEIROZ ENTRE A INAUGURAÇÃO DO CANAL DE SUEZ E O COMEÇO LITERÁRIO**Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly****Resumo**

Esse artigo analisa as quatro cartas-reportagem do escritor português Eça de Queiroz enviadas ao editor do jornal *Diário de Notícias* de Lisboa em 17 de novembro de 1869. Eça de Queiroz participa da cerimônia de inauguração do canal de Suez. A partir dessa experiência, testemunha em terras egípcias uma diversidade cultural própria do Médio Oriente e desenvolve suas capacidades interculturais por meio desse contato. Aprimora, também, sua escrita e seus métodos de descrição e narração da realidade. Conhecer o Egito foi para o escritor o início de sua vida diplomática, mas também contribuiu para desenvolver seu estilo. Finalmente, contrastamos essa experiência da viagem ao Egito de Eça em interface com o conceito de “começo literário” de Edward Said.

Palavras-chave: Eça de Queiroz; Canal de Suez; Viagem; o Egito; Começo

Abstract:

This paper analyzes four letters-reportage, written by the Portuguese writer Eça de Queiroz, sent to the editor of the Lisbon newspaper *Diário de Notícias* on November 17, 1869. Eça de Queiroz participated in the ceremony of inauguration of the Suez Canal and. From this travel experience, he testifies in Egypt a cultural diversity typical of the Middle East and develops his intercultural capacities through this contact. He also improves his writing and his methods of describing and narrating the reality. Knowing Egypt was for the writer the beginning of his diplomatic life, but also contributed to develop his style. Also, we analyze the experience of the trip to Egypt from Eça in interface with Edward Said's concept about "literary beginning".

Keywords: Eça de Queiroz, Suez Canal, Travel, Egypt, Beginning

Considerações iniciais sobre o contexto do Egípto e o canal de Suez

A expansão europeia na Ásia e na África, já no século XVIII, criou um novo tipo de domínio que se alicerçava em um ideal de supremacia cultural, política, social e econômica das nações daquele continente sobre as africanas e asiáticas. Nesse ínterim, o canal de Suez era uma tentativa de melhorar economicamente a região, porém fomentava a dinâmica imperialista. Contextualizar esse cenário é identificar em qual país foi construído o canal e o que foi visto por Eça de Queiroz. Na primeira metade do século XVIII, o Egípto estava sob o comando dos Mamelucos, que eram por sua vez sob o domínio do Império Otomano. Ali Bei e, mais tarde, Mohamed Bei desvincularam o Egípto dos otomanos, conquistando maior autonomia para o país. Juntamente com isso, houve a abertura da rota Europa-Extremo Oriente pelo Cabo da Boa Esperança, o que enfraqueceu a economia e a região. Enquanto isso, os ingleses mantinham um comércio no Egípto e, no final do século XVIII, foram combatidos pelos franceses que queriam dominar as terras do Nilo. Nesse mesmo período, Portugal, a terra de Eça de Queiroz, era um império promissor, mas com uma economia pouco inovadora e, por isso, apresentava uma tendência a se tornar dependente das manufaturas inglesas, principalmente dos tecidos, após o Tratado de Methuen que garantia a compra dos vinhos portugueses pelos ingleses e dos tecidos ingleses pelos portugueses (SERRÃO, 1992). Em 1755, o terremoto que atingiu Lisboa abalou a economia portuguesa e deixou a capital devastada. Nesse contexto, o Marquês de Pombal foi um importante ícone da reconstrução desse país após o infortúnio da catástrofe.

O final do século XVIII e o início do XIX foi impactante para ambas as nações. Napoleão Bonaparte invadiu tanto o Egípto como Portugal. Em 1798, a expansão francesa atingiu o Egípto com o intuito de colonizar a região. Seus exércitos circularam por quase todo o território às margens do Nilo e há descrições da presença francesa nos templos em Aswan, ao sul do território. Porém, a expansão napoleônica não aconteceu sem embates com os ingleses que disputavam os mesmos territórios, em especial, na costa do Mediterrâneo como em Damietta e Alexandria (UNESCO, 2010). Juntamente com essa disputa territorial, há a construção da egiptologia e do orientalismo (ARAÚJO, 2000). Ambos se desenvolvem nas academias europeias do XIX para servir de dispositivo interpretativo das experiências de contacto entre as culturas europeias e o Egípto. Nessa medida, como explica Edward Said

(SAID, 2011), alguns desses estudos acadêmicos serviram aos projectos dos imperialismos europeus.

Um exemplo disso são os relatos de viagem do barão Dominique Vivant Denon¹ que chegou ao Egito em 1798 com um grupo de artistas para estudar os vestígios do Egito Antigo. Sua equipa desenvolveu desenhos detalhados dos templos e monumentos egípcios. A obra de Denon, *Viagem ao Baixo e Alto Egito*, relata a experiência de viagem do nobre francês, com as descrições do que viu e suas ponderações acerca dos relatos de viajantes como Heródoto (DENON, 2004).

O século XIX conferiu ao Egito transformações profundas. Em 1801, os otomanos e ingleses se juntam e expulsam os franceses, porém a instabilidade política e econômica vai perpetuar-se por mais uma década. Houve uma troca de poderes e a ascensão de Mohamed Ali, que foi modernizador para o país. Seus sucessores garantiram a continuidade desse projeto, porém isso gerou um endividamento da economia e, conseqüentemente, uma dependência de países como Inglaterra e França. Em meio a isso, a comunidade internacional denominava as disputas entre os países imperialistas e o Império Otomano e este e os líderes de seus territórios ocupados de “Questão do Oriente” que era disputas diplomáticas das possessões no Oriente entre as nações europeias (UNESCO, 2010).

O Egito estava inserido nessa disputa que, por fim, refletia o imperialismo europeu sobre os países dos outros continentes do globo. Mas estava também se formando enquanto nação a partir de um conceito europeu. Para Erik Hobsbawm, o Egito foi o primeiro país do chamado Médio Oriente a constituir um movimento nacionalista. Isso ocorreu por influência da dominação francesa que “introduziu as ideias, os métodos e as técnicas ocidentais” (HOBSBAWM, 1977, p. 163). É nesse contexto de interferência directa e indirecta das nações imperialistas europeias no Egito que é lançado o projeto do canal de Suez. A ideia já existia desde o Egito Antigo, porém quem levou a cabo o empreendimento foi o engenheiro francês Ferdinand de Lesseps. Isso acirrou a dívida egípcia com a França e as disputas imperialistas sobre o território egípcio.

É dessa maneira que Eça de Queiroz sai de Portugal para visitar o Egito. Parte do país menos industrializado e o mais isolado da Europa para um país que já havia sido o berço da civilização humana na antiguidade e, no XIX, era o palco de disputas entre estados europeus colonialistas, imperialista, e com ares de superioridade para com os africanos. É parte dessas

¹ O Barão Dominique Vivant Denon nasceu em 4 de janeiro de 1747 e faleceu em 27 de abril de 1825. Participou da expedição de Napoleão ao Egito juntamente com outros intelectuais da época. Foi responsável por escrever o relato da viagem, chamado Descrição do Egito, texto que inaugura a egiptologia.

relações que Eça de Queiroz transparece em sua obra *O Egípto: Notas de Viagem* (1869)², em suas cartas sobre a inauguração do canal de Suez, “De Port Said a Suez” (1870)³, *Os ingleses no Egípto* (1882)⁴ e *Santo Onofre* (1893)⁵.

O Egípto, que havia sido conquistado pelos ingleses no final do século XIX, passou a ser um protetorado britânico, em 1914, e oito anos depois adquiriu sua independência, tornando-se uma reino cujo rei era Fuad I. Em 1953, o Egípto tornou-se uma república e Nasser passou a ser o presidente do país em 1954. Em 1956, ele declara a nacionalização do canal de Suez e conseguiu empréstimo para a construção da Represa Alta de Assuã que contribuiu para uma nova modernização do país, levando luz elétrica para todo o território, criando uma perpetuidade das águas e, com isso, incrementando a agricultura. Em 2015, foi inaugurada uma extensão do canal com uma nova faixa de cerca de 35km. Essas obras foram denominadas “Novo Canal de Suez” e seu objetivo é aumentar a capacidade de fluxo de navios no canal, com previsão de melhorias até 2023.

A formação de Eça de Queiroz entre a inauguração e os inícios

Em 1845, na cidade de Póvoa do Varzim, nasceu o escritor Eça de Queiroz. Estudou na cidade do Porto no internato da Lapa quando criança. Coursou direito na Universidade de Coimbra e, no final de seus estudos, já se dedicava ao jornalismo, profissão que abraçou depois de graduado. Mudou-se para Évora, onde foi responsável pelo jornal *Distrito de Évora*. Finalizada essas fases, retornou a Lisboa e foi convidado a viajar para o Egípto para cobrir a inauguração do canal de Suez. Juntamente com o conde de Resende, conheceu o Egípto, a Alta Síria e a Palestina. Ao retornar a Portugal, ingressou na carreira diplomática e se dedicou aos seus romances. A partir daí, publicou várias obras e depois de sua morte, em Paris, no ano de 1900, ainda havia textos seus escritos para serem publicados, como é o caso de *O Egípto* (1926) e *A Cidade e as Serras* (1901). Eça de Queiroz tem um estilo irônico e, ao mesmo tempo, é intenso e descritivo. Seus personagens realistas refletem as incongruências da sociedade portuguesa oitocentista, em especial na sua fase madura, das mulheres. Já as cartas-

² As notas foram escritas durante a viagem, em 1869, porém a obra *O Egípto* foi publicada em 1926, anos depois da morte do escritor, por seu filho que compilou os manuscritos.

³ As cartas foram escritas em 1869, mas publicadas no jornal *Diário de Notícias* de Lisboa em 1870.

⁴ “*Os ingleses no Egípto*” foram publicados originalmente em 1882, no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro e estão na obra *Cartas de Inglaterra*, publicada em 1905.

⁵ *Santo Onofre*, publicada em 1893, pertence ao compendio *Vidas de Santos* ou *Lendas de Santos* publicado em 1912.

reportagem sobre o canal de Suez estão inseridas em uma fase do autor que é preliminar, é o início do caminho de Eça de Queiroz como escritor. Ele ainda não está familiarizado com seu próprio estilo, mas sua escrita já apresenta os traços de sua ironia. Lida com as desventuras da inauguração com certo humor e assume que a sua visita ao Cairo antes e à Jerusalém depois foram mais agradáveis que o próprio Suez, motivo da viagem.

É um consenso entre os biógrafos queirosianos que a viagem ao Médio Oriente conferiu ao escritor certa capacidade de observação que o auxiliou a construir seu estilo próprio de descrição antropológica pormenorizada dos lugares, pessoas, cenas, etc. Campos Matos afirma ainda que

Esses dois meses de viagem vão transformar o jovem escritor romântico e idealista, ainda à procura de um literário, que vai tentando incerto e sujeito a múltiplas e desencontradas influências, num observador e num descritor de grandes recursos, de que dará provas ao escrever os apontamentos mais tarde coligidos sob o título de *O Egípto*. (MATOS, 2009, p.71)

Lopes D'Oliveira corrobora com essa assertiva, “Ao fim desta viagem de poucas semanas aparece um novo Eça de Queiroz. A sua imaginação encontrara pontos de partida deslumbradores: um novo mundo se lhe abre” (D’OLIVEIRA, s/d, p. 65-66).

Em confluência com a ideia de partida, Edward Said analisa o que confere aos escritores seu início enquanto autores conscientes. Para ele, há uma diferença entre o conceito de origem e o de começo. A origem tem um sentido místico, divino, metafísico e o começo é racional, é o momento em que o intelectual acha o seu papel histórico enquanto sujeito e passa a produzir sentidos intencionados e novos, ou seja, diferentes interpretações e maneiras de exteriorizar essa nova leitura. O escritor começa estabelecendo relações com aquilo que ele já conhece e recria a partir disso, seja concordando ou contrapondo com um determinado conhecimento já adquirido. É aí que ele cria seu próprio método. Para Said, os começos tem um retorno, são recomeços e eles tem duas características, a intencionalidade na produção dos sentidos e uma metodologia própria na produção intelectual. E para Said, o começo acontece quando há o encontro consciente do escritor com culturas diferentes que o faz questionar suas próprias tradições e conceitos. Dentro dessa perspectiva, a escrita literária se torna o instrumento que incorpora esses começos. Para Said, a escrita literária começa ao criar um universo próprio que é reconhecido pelo autor e pelo leitor. Esse começo e seu desenvolvimento, por serem um caminho de mão dupla, se estabelecem num processo de alteração das ideias já criadas de começo e desenvolvimento que são uma reinterpretação de si mesmas e do homem que

protagoniza a escrita literária. Assim, a literatura se torna uma releitura dele próprio a partir da via dupla composta pela escrita e pela leitura (SAID, 1975).

No caso de Eça, as notas de viagem e as cartas-reportagem sobre o canal de Suez são a expressão desse começo, mas que se consolida com o romance *A relíquia*, como uma expressão dessa intencionalidade e dessa metodologia, mas que também se materializam ao serem lidos pelos leitores portugueses que desejavam conhecer o Médio Oriente. Enfim, Eça de Queiroz viaja ao Egito como um jornalista idealista e romântico e retorna do Egito renovado, um Eça recomeçado a partir do contato com o outro e pela redefinição de si mesmo.

A inauguração do canal de Suez na carta-reportagem de Eça de Queiroz (1870)

Eça de Queiroz viajou ao Egito, Alta Síria e Palestina por seis semanas do dia 23 de outubro 1869 e até 3 de janeiro 1870. Em sua estada no primeiro país, conheceu Alexandria, Cairo, Port Said, Ismaília e Suez. No Cairo, visitou os monumentos antigos de Giza, Sakkara, Heliópolis e Mênfis (ARAÚJO, 2000). Na cidade viva do Cairo, foi a diversas mesquitas, ao mercado, aos cafés, ao banho turco, etc. Nessa viagem, Eça assistiu também a inauguração do canal de Suez entre os dias 17 e 20 de novembro de 1869. Em Port Said e Suez, participou dos festejos da inauguração e descreveu com detalhes todo o processo. Dessa viagem saíram as cartas-reportagem no jornal *Diário de Notícias* de Lisboa e a obra póstuma *O Egito*, editada por seu filho a partir de manuscritos encontrados muitos anos após a sua morte. Por meio das cartas, serão analisadas, por um lado, a relação entre a imagem, a narrativa e a linguagem, e por outro, essas categorias serão vistas à luz da história, numa leitura da memória. E nesse aspecto, essas cartas ganham relevância na medida em que elas são uma das fontes em português para a história da inauguração do canal de Suez que marca a alvorada do processo de globalização.

Como já foi mencionado, as obras do canal de Suez aconteceram num momento em que o Egito passava por grande influência das nações europeias. A egiptologia acentuava a diferença entre o mundo árabe contemporâneo e o Egito Antigo, exaltando o passado grandioso dos templos e tesouros. Nesse contexto, Eça de Queiroz sai de Lisboa, passa por Gibraltar para entrar no Mediterrâneo e desembarcar em Alexandria. “Oh! Alexandria, velha cidade grega, velha cidade bizantina, onde estás tu?”, pergunta Eça de Queiroz em suas notas

de viagem e diz entre as primeiras páginas da obra *O Egípto*: “Estavas diante de mim: e eu via construções vastas, desmornadas e negras, feitas do lodo do Nilo, um lugar enlameado e imundo, cheio de destroços, uma acumulação de edificações miseráveis e inexpressivas!” (EÇA DE QUEIROZ, 1982, p. 22). A cidade, sofrida pelas invasões turcas, francesas e inglesas, se apresentava pobre e decadente em detrimento a sua fama histórica de exuberância e conhecimento.

A carta-reportagem de Eça de Queiroz: sua estrutura e suas estratégias discursivas

Os textos sobre a inauguração do canal de Suez escritos por Eça de Queiroz foram elaborados para a imprensa, em formato de cartas para serem publicadas como uma reportagem-relato sobre a sua experiência. A imprensa no século XIX foi um importante veículo para a literatura, tanto em Portugal como no Brasil. Muitos escritores tiveram suas obras publicadas pela primeira vez em jornais, na seção dos folhetins ou mesmo em seções de variedades que aceitavam prosas e poesias. No caso de Eça de Queiroz, seu primeiro ofício foi o de jornalista, mas não só escrevia, também editava o jornal, como foi com o periódico *O Distrito de Évora*. Ao redigir a sua experiência da inauguração do canal de Suez, o fez como uma carta-reportagem, na medida que foi enviada de fora de Portugal para o jornal português.

A carta é endereçada a alguém, um interlocutor que vai lê-la. Nesse caso, era o redator do jornal *Diário de Notícias* de Lisboa, Eduardo Coelho⁶, que encomendou a reportagem. Eça de Queiroz inicia seu texto indicando para quem escreve e como vai contar-lhe a sua experiência na inauguração do canal de Suez:

Sr. redactor: acedo da melhor vontade ao seu desejo de que lhe escreva a história «real» das festas de Suez. Conto-lhe, porém, simplesmente e descarnadamente, o que me ficou em memória daqueles dias confusos e cheios de acontecimentos, tanto mais que as festas de Suez estão para mim entre duas grandes recordações – o Cairo e Jerusalém: estão abafadas, escurecidas por estas duas luminosas e poderosas impressões: estão como pode estar um desenho linear a lápis entre uma tela resplandecente de Decamps, o pintor do Alcorão, e uma tela mortuária de Delaroche, o pintor do Evangelho (EÇA DE QUEIROZ, 1982, p. 185).

⁶ Eduardo Coelho nasceu em Coimbra, em 23 de abril de 1835 e faleceu em Lisboa, em 14 de maio de 1889. Aos treze anos se mudou para Lisboa para trabalhar no comércio, depois da morte do pai. Em 1857, começou a exercer a função de tipógrafo e em 1864 fundou o *Diário de Notícias*, juntamente com Tomás Quintino Antunes. Era escritor e jornalista. Foi um dos fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa em 1875. Era amigo de Eça de Queiroz e outros escritores (SOUSA, 2009)

Eça de Queiroz, então, conta como será sua narrativa em seu relato de viagem e carta-reportagem e lamenta que a inauguração do canal de Suez foi a experiência menos interessante de sua jornada. Seu texto é estruturado em quatro partes, correspondendo cada uma a um dia dos festejos do canal. Na primeira, conta como foi a chegada a Port Said, descreve a cidade e a subida no barco para atravessar o canal. Na segunda, descreve as desventuras do barco Latife cuja passagem foi interrompida por bancos de areia até que abriu o caminho para as outras embarcações. Na terceira parte, fala sobre Ismaília, descrevendo a cidade e a chegada dos barcos. Na quarta e última parte, descreve o lago e a chegada ao final do percurso com as palavras de Lesseps

Um homem saiu do grupo, descobriu-se e disse: «Em nome da Companhia de Suez, dou o primeiro golpe de alvião neste terreno que abrirá às raças do Oriente a civilização do Ocidente.»

E cavou a areia com o alvião. O homem que disse aquelas palavras era o Sr. De Lesseps: e, como se vê, o seu alvião tem feito largamente o seu caminho (EÇA DE QUEIROZ, 1982, p. 202).

Em seu texto, sua narrativa é permeada por vários diálogos com o leitor, em que o narrador, o próprio Eça, relata o que testemunha, dia a dia, interrompendo a narrativa para descrever pessoas, objetos e lugares com detalhes.

O escritor, em sua carta-reportagem, apresenta alguns tipos ideais como personagens que sobressaem e observam as festividades de inauguração do canal de Suez. Os personagens da nobreza europeia aparecem como o imperador da Áustria e sua esposa e a imperatriz Eugênia, os clérigos são os padres e ulemás, como o Monsenhor Bauer e o alcaide Abdel-Kader e a aristocracia e a burguesia egípcia como o quediwa Ismail e Said Paxá. Indivíduos que aparecem na narrativa da carta-reportagem como o próprio Eça, como narrador, seu companheiro de viagem, o Conde de Resende, o guia núbio, Jonas Ali, o engenheiro do canal, o Sr. De Lesseps e a atriz de Port Said, que ele não chega a nomear. Entre os grupos populares há os beduínos, as almeias, os marinheiros, os operários e os árabes.

Envolvido em um imaginário das “Mil e Uma Noites” como afirma em suas notas de viagem sobre o Cairo: “Ah!, a vida do Cairo é extraordinária e o Cairo uma extraordinária cidade. Verão – recorda “As Mil e Uma Noites”!” (EÇA DE QUEIROZ, 1982, 50), Eça de Queiroz se deleita com as imagens criadas por escritores como Chateaubriand, Nerval, Flaubert e Maxime du Camp que já tinham injetado no gosto europeu os imaginários orientalistas de mulheres árabes sensuais que apresentariam a dança do ventre, porém, nem sempre era o que acontecia. Diferente de outros viajantes, Eça de Queiroz adota um olhar

antropológico na sua descrição e relata para o leitor português que a dança fazia parte das festividades da inauguração. Ressalta em sua carta-reportagem a presença beduína e suas comidas, danças e jogos. Descreve as várias modalidades de danças que viu, as almeias, seus cantos e improvisos, as danças beduínas masculinas com os cavalos e bastões e a dança da abelha e cita: “Quando eu saía, para ir a um café italiano, em companhia de alguns oficiais ingleses, ver as almeias de Beni Ironef⁷ dançarem a «dança da abelha», encontrei o Sr. De Lesseps, no peristilo, que procurava ansiosamente o seu paletó (EÇA DE QUEIROZ, 1982, 197)”. Ainda sobre as almeias, “Tinham vindo almeias da província de Fayoum, que debaixo das tendas celebravam as suas misteriosas e estranhas danças” (EÇA DE QUEIROZ, 1982, 195). Elas eram mulheres que cantavam, dançavam e improvisavam durante suas apresentações. Era um costume receber os visitantes com espetáculos de canto e dança que eram protagonizados por elas. Eça descreve esse universo festivo e noturno da inauguração:

Os acampamentos estavam flamejantes. Em todas as tendas dos xeques havia cantos de mulheres árabes acompanhadas de *darbuka*. Os fogos-de-artifício estalavam por todo o ar. No meio de grandes grupos, entre um círculo de fachos enormes, dançavam as almeias. Em outros círculos alumiados, a multidão abria os olhos diante dos improvisadores árabes. A luz escorria por entre toda aquela multidão, tomada de alegria. (EÇA DE QUEIROZ, 1982,196)”.

O olhar de Eça de Queiroz é minucioso e faz descrições bem precisas das variadas danças egípcias e árabes que assistiu e, ainda, identifica os tipos relacionados a essas apresentações. O escritor oferece ao seu leitor a diversidade que vivenciou e dela explora seu contacto com a realidade em contraposição ao imaginário orientalista predominante nessa época.

Com olhar irônico vai observando algumas celebridades dos festejos. Cita o imperador da Áustria, Francisco José, com um superlativo, chamando-o de “cristianíssimo” e, mais adiante, o contrapõe à paisagem afirmando que “O imperador da Áustria e a imperatriz tinham passeado por Ismaília, montados em dromedários”. Aqui faz uma ironia com a nobreza, tanto no aspecto da religiosidade como no contraste entre o luxo ostentado pelos nobres e o percurso nas ruas da cidade montados no animal típico do Egito. Como republicano, a visão dos nobres sob os dromedários traz certa graça à descrição e uma ludicidade à carta-reportagem.

O escritor não apresenta somente o ser humano, mas também humaniza sua descrição realista ao personificar seres inanimados como foi o caso dos barcos narrados nas suas

⁷ Provalvemente, Eça de Queiroz queria dizer “Beni Suef”.

histórias e das paisagens descritas do deserto e do Nilo. Sobre o Fayoum, o barco em que esteve durante a travessia do canal conta: “A meio do caminho de Ismaília, o Fayoum encalhou na areia da margem direita, desembarçou-se com grandes esforços, seguiu; mas, como a pouco espaço encontrasse o caminho obstruído por outro navio que estava encalhado, lançou âncoras durante a noite” (EÇA DE QUEIROZ, 1982, 193). Nesse trecho, ele dá ao barco a autoria de suas ações e não a sua tripulação. É o barco quem se desembaraça, segue e, mais tarde, lança suas âncoras. O verbo “desembarçou-se” dá ao leitor a sensação de que, como um ser animado e consciente, o barco sacodiu de um lado para o outro até se soltar das areias e seguir determinado seu percurso no canal. Ao identificar que não haveria como passar, esse mesmo barco decide lançar suas âncoras e esperar até o dia seguinte. Esse recurso é uma estratégia narrativa do escritor para entreter o leitor e dinamizar a descrição.

Em relação às questões espaciais da reportagem, cabe ressaltar a decepção do escritor em encontrar uma Alexandria diferente daquela das histórias clássicas que foi sua primeira impressão acerca do Egito. Aqui o conceito de “degradação do espaço” de Antônio Cândido pode servir para compreender em que medida Eça de Queiroz descreve a cidade degradada, entre os “destroços” e as “edificações miseráveis e inexpressivas”. Antônio Cândido propõe que no século XIX houve uma manifestação na escrita naturalista de um espaço degradado, entendida por ele como um reflexo do conflito de classes. Algo semelhante percebemos na descrição de Alexandria que faz Eça de Queiroz. Trata-se, nesse caso, de uma cidade objeto de guerra contínua entre as forças coloniais europeias que conduziam a uma deterioração do espaço e uma decadência urbana pelo abandono do campo pelos camponeses que almejavam ser cidadãos comerciantes, partindo de um modelo urbano europeu dos séculos XVIII e XIX, sem contudo passar por uma educação de cidadania. A cidade de Alexandria é degradada pelo conflito entre o poderio invasor europeu e um homem do campo que quer imitar o vencedor europeu, mas não tem condições educacionais e econômicas para isso. Aqui também há uma comparação entre o passado grandioso e o presente deteriorado. Alexandria habitava a memória de Eça de Queiroz como uma cidade de maravilhas e o tempo e a exploração transformaram-na num espaço degradado. Porém, mesmo diante disso, Eça de Queiroz estava aberto para a experiência da viagem e não se deixou levar por essa decepção ao se deparar com uma Alexandria distante dos seus sonhos.

Em termos culturais, o escritor destaca o “progresso” trazido pelo canal de Suez à região, corroborando com a ideia de que os europeus estavam levando a “civilização” aos povos do deserto, com a modernização das cidades e de seus povos. De Alexandria foi ao

Cairo e lá percorreu as ruas da cidade islâmica, vivenciou as experiências gustativas, sensoriais e culturais da diversidade egípcia e, também, visitou os monumentos antigos de Sakarah, Mênfis, Giza e Heliópolis e só depois seguiu para Port Said. Conta como foi a ida para Port Said e descreve o sistema ferroviário egípcio com certa ironia. Vale ressaltar que a malha ferroviária portuguesa em 1869 ainda estava em construção e ela só atinge a costa do país de norte a sul em 1895 (GAZETA, 1895) e a ferrovia no Egito, iniciada em 1854, já tinha maior extensão que a portuguesa, porém Eça de Queiroz narra que o maquinista para o trem para tomar um café e conversar com conhecidos, o que, segundo ele, confere falta de pontualidade aos comboios. Isso, de certa forma, reflete um costume o egípcio de trazer para o exercício profissional a vida particular, misturando o espaço público com o privado.

Tomado ainda pela ideia do “progresso”, Eça de Queiroz descreve Port Said e Ismaília como cidades criadas em torno do projecto do canal e com ares de acampamento. Foi ocupada por operários das obras e de actividades portuárias. Sobre Port Said, afirma em sua carta-reportagem:

A sua construção ressent-se, pois, destas circunstâncias: nem edifícios, nem monumentos, nem habitações sólidas e sérias: tudo é ligeiro, barato, temporário. A igreja católica é como uma grande barraca: vê-se o céu azul através do seu tecto feito de grandes traves mal unidas. Daí o aspecto triste de Port Said (EÇA DE QUEIROZ, 1982, 187).

A descrição de Eça de Queiroz sobre Port Said reflete, em especial, a visão que teve da cidade após a inauguração, em contrapartida a sua primeira impressão. Durante os festejos, ambas as cidades se encheram de sons e cores, mas após as festas pareciam adormecidas. Eça de Queiroz ressalta na sua reportagem o contraste entre a cidade festeira e a cotidiana para acentuar a grandiosidade dos festejos da inauguração do canal de Suez que foram capazes de mobilizar uma enorme quantidade de pessoas. A movimentação dos convidados e organizadores deu vida a ambos os lugares. As três cidades envolvidas na inauguração – Port Said, Ismaília e Suez – se modificaram ao receber os participantes das festas, bem como tornaram-se iluminadas, coloridas e com inúmeras atrações artísticas. E a imagem dessa cidade viva e cheia de transeuntes é descrita em contraposição ao deserto. E ele afirma: “No fim das festas, tempo depois, quando ali tornei a passar, em viagem para Jerusalém, pareceu-me pela apatia de vida, pelo silêncio, que o deserto começava de novo a aparecer por entre aquela fraca aparência de cidade” (EÇA DE QUEIROZ, 1982, p. 187). E o deserto é o não habitado, o não vivo, o não domado, o não civilizado e era o conceito utilizado pelos colonizadores europeus para justificar a intervenção na África e no Médio Oriente (SAID,

1990). Sobre Suez, ele comenta que antes a água era trazida do Cairo, a “sede era uma doença” e “os ricos bebiam uma água meio salubre. Os pobres bebiam a água dos camelos, ou morriam de sede” (EÇA DE QUEIROZ, 1982, p. 201). E com a chegada do empreendimento do canal, tudo se modificou, Lesseps mandou fazer um canal de água doce que abasteceu a comunidade com água potável e, gratos pelo progresso que chegou, reconheciam os méritos do engenheiro Ferdinand de Lesseps por ter sido ele o responsável pelo abastecimento de água.

Igualmente, ao trazer uma narrativa descritiva da sua participação nas celebrações de Suez para o leitor de Portugal, o escritor constrói um imaginário do que era a cidade e o deserto por meio do contraste entre a festa e o cotidiano. Na sua descrição, Eça de Queiroz ressalta a paisagem do deserto, utilizada para justificar em certos momentos históricos a colonização e para levar a civilização aos habitantes desse deserto, como ocorreu com a ocupação britânica do Egito em 1882 e que foi questionada pelo próprio Eça, que critica essa concepção do imperialismo inglês. Há aqui uma dualidade nas assertivas do escritor, ao vislumbrar o deserto em comparação às cidades egípcias, ele reafirma uma máxima da dominação europeia sobre os árabes e, ao mesmo tempo, é o contacto com essa paisagem diferente que o faz questionar as ações imperialistas. Quando Eça de Queiroz comenta sobre o possível fracasso do empreendimento do canal, ele demonstra a importância do progresso no domínio do deserto.

Realmente, depois de dez anos de tantos esforços e tantas lutas, tantos combates com o deserto e tantos combates com a intriga, depois de tantos milhões sorvidos pelas areias, de tantas vidas aniquiladas, de tantas festas anunciadas, depois das bênçãos do Sr. Bauer e das ovações ao Sr. de Lesseps, era doloroso ver findar tudo repentina e vergonhosamente, verificar-se que num canal feito para navegação não cabiam navios, que aquilo era uma obra ridiculamente grandiosa, e que, em lugar de tudo terminar em triunfos, tudo terminava em gargalhadas! (QUEIROZ, 1982, 191-192)

Se o canal não possibilitasse a passagem dos barcos, os “combates com o deserto” teriam sido em vão e as areias teriam vencido o dinamismo e a civilização. Diante disso, podemos sugerir que Eça de Queiroz, apesar de ter suas convicções contrárias ao imperialismo e ao colonialismo, era um homem do seu tempo e, sendo assim, não fugia completamente do contexto presente no imaginário europeu em relação ao Médio Oriente e talvez compartilhasse certo olhar de supremacia europeia sobre os outros povos, como ele afirma, em suas notas de viagem, quando descreve o Shepherd’s Hotel em contraposição à cidade do Cairo

Àquelas mesas estreitas senta-se um mundo bem diferente daquele que se move vagarosamente pelas ruas do Cairo: **aqui é o nosso mundo, europeu, civilizado**, sábio, filosófico, egoísta e rico. São embaixadores, poetas, engenheiros, loretas, caricaturistas, pintores, fotógrafos, burgueses, dândis, lordes, jornalistas, críticos e agiotas (EÇA DE QUEIROZ, 1982, 77). (grifos nossos)

A partir dessa comparação, mesmo que venha seguida de uma crítica ao mundo europeu, que considera “egoísta”, é possível perceber certo sentimento de superioridade de um certo “progresso europeu” para com um incerto mundo árabe “subdesenvolvido” e acaba, também, por transparecer na descrição das cidades em contraposição ao deserto (SANTOS, 2018).

Antônio Cândido, na obra *O discurso e a cidade*, discute a formalização estrutural e simbólica dos espaços “cidade” e “campo” dentro da escrita realista. Essa formalização chamada pelo autor brasileiro de “redução estrutural” apresentava as personagens protagonistas desses espaços a partir de sua descrição física e psicológica e da sua relação com esses lugares (CÂNDIDO, 1993). Sobressai no discurso das narrativas realistas uma descrição da urbe e de seus habitantes e que, para Antônio Cândido, é a urbanização dos trópicos e, para Eça de Queiroz no Egito, podemos compreender como a do deserto. No caso das cartas de Eça de Queiroz acerca da inauguração do canal de Suez, é possível identificar, a partir do marco teórico de Cândido, que essa formalização estrutural se apresenta na descrição do deserto e em suas consequentes relações sociais e os costumes característicos dos grupos sociais que habitam aquele espaço.

Em Eça de Queiroz, há uma transposição entre as suas percepções de deserto, campo e cidade, paisagens comuns ao Egito até os dias de hoje, dispostas em um contraste entre o deserto, o campo e a cidade. O escritor faz uma leitura da cidade como decadente e suja e que reflete uma decadência do campo em detrimento a um modelo urbano que busca imitar a Europa, mas que não constrói cidadãos. Ele reproduz a vida rural no ambiente urbano, proporcionando uma cidade sem urbanização, com lixo nas ruas, com arquitetura imitadora ou em ruínas e com fezes dos camelos e cavalos espalhadas pelos arruamentos. Se no deserto, o camelo ou o cavalo soltam seus excrementos, eles se perdem nas areias e não deixam cheiro ou sujeira, já na cidade isso se transforma em lixo e mal cheiro. Assim, os homens do campo e do deserto que optam por habitar a cidade perdem sua identidade local e não adquirem o status de cidadão. E a cidade se torna uma reprodução desordenada e sem sentido do campo ou do deserto. Eça de Queiroz identifica as consequências dessa modernização forçada que

retira o camponês e o beduíno de suas culturas e os coloca forçadamente em um “espaço degradado”. Mais tarde, ele se apropria dessa leitura, a associa à experiência do retorno à casa rural em Santa Cruz do Douro e transpõe essa contraposição entre o rural e o urbano em *A Cidade e as Serras*.

Outra característica dos espaços queirosianos, que ele desenvolve durante sua viagem, é a ambientação sacralizada dos espaços religiosos na obra de Eça de Queiroz. Em seus textos, os sagrados de Eça estão associados, em geral, ao Egito e à Palestina, fruto da experiência nesses lugares. Conhecer os locais de referência das religiões abraâmicas, fez o escritor contrapor realidade e mito, sobre os quais ele afirmou para seu interlocutor na carta-reportagem: “Talvez em breve diga o que é o Cairo e o que é Jerusalém na sua crua e positiva realidade, se Deus consentir que eu escreva o que vi na terra dos seus profetas” (EÇA DE QUEIROZ, 1982, 185). A experiência nesses locais, mais tarde, é utilizada para tratar do sagrado como em “*A relíquia*”, “*Santo Onofre*”, entre outros. Em “*A relíquia*”, o personagem principal, o Raposo, vai à Terra Santa, mas vislumbra o sagrado em um sonho em que ele veria a paixão de Cristo. Contudo, sua imagem da passagem bíblica não é fiel às escrituras. Ela expressa um Jesus sem a coroa de espinhos e com roupas de linho branco. O personagem vê no espaço sagrado o real, aquilo que Eça afirmou que tentaria expressar se lhe fosse permitido. A experiência da viagem aos locais sagrados egípcios e palestinos transformaram o escritor e o fizeram pensar na realidade de forma mais contundente e em contraposição aos mitos. Nesse sentido, o Egito forneceu para Eça de Queiroz fontes para essa realidade do Oriente em contraposição ao imaginário, a realidade dos espaços sagrados em contraposição aos profanos e, por fim, muniu o português de elementos reais sobre o conjunto representativo da fé cristã portuguesa, proporcionando ainda mais um olhar realista sobre o mundo, o que ele expressou o resto de sua vida literária.

Durante o evento da inauguração do canal de Suez, o escritor observou tanto os visitantes europeus de todas as nacionalidades como os líderes africanos e do mundo árabe que povoaram as três cidades nos dias das festas. A cerimônia religiosa teve a presença de ulemás muçulmanos, sacerdotes católicos e coptas e cristãos gregos e armênios, indicando a boa convivência entre os adeptos das diversas religiões que ali coexistiam no século XIX. Em contraposição a uma hegemonia católica vivida pelo português em sua terra natal, o Egito apresentava uma diversidade de credos que transparecia na narrativa de Eça a partir da descrição do panorama do festejo. Ele narra a chegada dos convidados ilustres, a presença de representantes dos inúmeros povos, as apresentações artísticas, os cultos religiosos, os fogos

de artifício e a entrada das embarcações no canal. Foi uma profusão de variações humanas que encantou o escritor e despertou nele o interesse pelas relações internacionais. Como essa viagem foi seu primeiro contacto com uma maior diversidade cultural, foi também o ponto de partida para a sua carreira na diplomacia. Após chegar do Egito, Eça de Queiroz dedicou-se à vida diplomática, viajando para diversos países entre eles Cuba, Inglaterra, França, entre outros. Assim, podemos afirmar que foi no Egito que ele desenvolveu suas habilidades interculturais e cosmopolitas.

Eça de Queiroz, orientalismo, oriente e realidade

Em seu artigo “O Oriente literário entre dois séculos”, Isabel Pires de Lima explica como se deu o orientalismo na literatura portuguesa e salienta que sua manifestação é diferente daquela que acontece no resto da Europa. Ele está associado a uma ideia de império português em que o Oriente é um expoente de uma decadência. Em Eça de Queiroz, Isabel Pires de Lima especifica que o autor critica o orientalismo, contrapondo em seus textos a imagem mítica do Oriente à realidade e apresenta os seres humanos locais. Para Isabel Pires de Lima, Eça de Queiroz não se subordina

à autoridade orientalista, é o seu olhar sobre o Egito real com o qual se confronta: a vida sub-humana dos felás, o conluio entre os chefes locais e o poder ocidental, a agitação das ruas e dos bazares do Cairo, a experiência do «narguilé» e dos banhos turcos, a situação da mulher. (LIMA, 2003, p.134)

A realidade com a qual Eça de Queiroz se deparou no Egito proporcionou ao escritor questionar o significado de Oriente e desconstruir o imaginário criado sobre esse Oriente quase mítico. Nas primeiras frases da carta-reportagem já avisa ao leitor que o relato da inauguração do canal de Suez é mais desinteressante que a ida ao Cairo e a Jerusalém e, sobre essas duas, pede a deus permissão para que possa descrevê-las em “sua crua e positiva realidades” (EÇA DE QUEIROZ, 1982, p. 185). É nesses espaços reais que Eça de Queiroz fica “fascinado” com o “Egito real, antigo ou contemporâneo” e transpõe para seus personagens esse contraste entre o que esperavam ver e o que eles veem, como por exemplo quando “Teodoro, o protagonista de *O Mandarim*, nunca se deixa surpreender verdadeiramente pela China” ou “Teodorico de *A Relíquia*, reage por vezes desapontado perante a diferença abissal que separa o Oriente dos livros e do Oriente real” (LIMA, 2003, p. 135). Nesse sentido, a experiência do escritor na viagem ao Egito foi preponderante para determinar sua concepção da realidade e de como isso transpareceria em suas obras,

especialmente, aquelas que tratavam do Oriente ou do Médio Oriente, sendo esses espaços os locais em que Eça de Queiroz mais se preocupava em contrapor mito e realidade.

Considerações finais

O canal de Suez é uma obra grandiosa que se destacou no século XIX por sua engenhosidade e por suas proporções, mas para além disso, ele representa um momento da história do comércio no mundo e das relações entre a Europa, o Médio Oriente e o Extremo Oriente. O evento de sua inauguração mobilizou a sociedade mundial em 1869 e levou muitos representantes de países do mundo inteiro para o Egito. Entre eles, estava Eça de Queiroz. Naquele momento, o escritor português era um editor e redator de jornais. Já redigia romances, mas ainda não havia publicado nenhuma de suas obras. A experiência da viagem ao Egito se cruza com outras vivências do escritor trouxe muitas reflexões e inovações o que o levou a tornar-se, mais tarde, um dos principais autores da literatura portuguesa.

Conhecer o Egito e a Terra Santa foi preponderante para a carreira literária e diplomática de Eça de Queiroz. Ali, o contacto que ele teve com uma diversidade de etnias e credos ampliou sua visão para a humanidade. Essa multiplicidade de culturas estava sobreposta entre os diversos povos que viviam no Egito e exposta, de maneira ainda mais explícita, nas festividades de Port Said, Ismaília e Suez com a presença de delegações de vários países e pessoas de todas as partes do globo. As características físicas desses diferentes grupos e suas vestimentas e costumes proporcionaram a Eça de Queiroz vislumbrar que há mais variações culturais e étnicas que o que via em Portugal e isso o fez compreender melhor essas interações interculturais e cosmopolitas.

A carta que escreveu para o editor do jornal *Diário de Notícias* é o começo de sua formação enquanto escritor, ainda não tem seu estilo que está, nesse processo, se formando, mas já apresenta traços do modo queiroziano. É possível identificar a complexidade de sua redação ao analisarmos a carta-reportagem que é também um relato de viagem e que dialoga com o leitor receptor da carta, o editor, e com os futuros leitores dessa reportagem. E como narra a festa de inauguração do canal de Suez, seu texto é também um relato de viagem. Nesse sentido, a vivência desses dias no Egito foram o começo, segundo a concepção de Edward Said, da construção de seus métodos e características como escritor.

Eça de Queiroz é um escritor do realismo português e enquanto realista expressa o mundo com detalhes, com descrições muito pormenorizadas, o que é fruto de uma observação acurada da realidade. Essa ferramenta de apreensão do real também se dá na contraposição do

real, vislumbrado nas terras egípcias, com o imaginário, previamente dado, sobre o mundo árabe e o Médio Oriente. Identificar que a realidade era diferente das imagens criadas sobre esse universo levou o escritor a se afeiçoar à realidade e se dedicar a ela.

Por fim, a viagem de Eça de Queiroz ao Egipto com o objetivo de acompanhar as festividades da inauguração do canal de Suez modificou a vida do então jornalista que passou a se dedicar à diplomacia e a elaborar seus textos com uma metodologia e estilo próprios, analisando e descrevendo a realidade com cuidado e reflexão.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Luís Manuel de. **Eça de Queirós e o Egipto faraônico**. Lisboa: Editorial Comunicação, 1988.

ARAÚJO, Luís Manuel de. **Dicionário do Antigo Egipto**. Lisboa: Editora Caminho, 2001.

ARAÚJO, Luís Manuel. Egiptologia em Portugal, **Cadmo**, vol. 10, Instituto Oriental da Universidade de Lisboa, 2000. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10316.2/24197>> Acesso em 17 de nov. de 2019.

CÂNDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

DENON, Dominique Vivant. **Viagem ao baixo e alto Egipto durante as campanhas do General Bonaparte**. Trad. Paula Antunes. Sintra: Publicações Europa-América, 2004.

GAZETA dos caminhos de ferro de Portugal. **Mapa dos caminhos de ferro de Portugal em 1 de janeiro de 1895 no continente e no ultramar**. Lisboa: Redação Rua do Loreto-43, 1895.

HOBBSAWM, Erik. **A Era das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LIMA, Isabel Pires de. Os orientes de Eça de Queirós. **Revista Semear**, nº1. Rio de Janeiro. PUC-RJ, p.81-95, 1997.

LIMA, Isabel Pires de. O orientalismo na Literatura Portuguesa. In: RODRIGUES, Ana Maria (Coord.). **O orientalismo em Portugal**. Porto: Edifício de Alfândega, p.145-160, 1999.

LIMA, Isabel Pires de. Oriente literário entre dois séculos. **Cadmo**, Lisboa: Instituto Oriental da Universidade de Lisboa, nº13, 2003.

LOURENÇO, Eduardo. **Labirinto da Saudade**. Lisboa: Gradiva, 2012.

Matos, Alfredo Campos. **Eça de Queiroz, uma biografia**. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

QUEIROZ, Eça de. **O Egipto e mais notas de viagem**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1982.

- QUEIROZ, Eça de. **O Egípto, notas de viagem**, Pref. A. Campos de Matos, Sintra: Feitoria dos Livros, 2013.
- QUEIROZ, Eça de. Os ingleses no Egípto. In: **Cartas de Inglaterra**. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão, Lda, 1905.
- QUEIROZ, Eça de. **O Egípto: Notas de Viagem**. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão, Lda, 1926.
- QUEIROZ, Eça de. **A Relíquia**. Porto: Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1887.
- RAMOS, Rui e outros; Bernardo, Vasconcelos e Sousa e Monteiro, Nuno. **História de Portugal**, Lisboa: A Esfera do Livro, 2009.
- REIS, Carlos (et all). **Eça de Queiroz, a escrita do mundo**. Lisboa: Biblioteca Nacional, Edições INAPA, 2000.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SAID, Edward W. **Beginnings intention and method**. New York: Basic Books, Inc" Publishers, 1975.
- SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- SAID, Edward. **Fora do lugar: Memórias**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SAID, Edward. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Tr.: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAID, Edward. **Humanismo e crítica democrática**. Trad. Rosaura Eickenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAID, Edward. **Estilo tardio**. Trad. Samuel Titan Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SANTOS, Boaventura Souza de (2014). **Portugal: ensaio contra a autoflagelação**, São Paulo, Cortez Editora, 2014.
- SANTOS, G. L. I. "O Egíto sob domínio europeu: um olhar queirosiano". In: Izabel Margato, Alexandre; Montaury, Breno Góes. (Org.). **Realismo, realismos: objetos, escritas, efeitos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, v. 1, p. 43-59, 2018.
- SERRÃO, Joel. (Dir). **Dicionário da História de Portugal**. Porto: Livraria Figueirinhas, 1992.

SOUSA, Jorge Pedro. Um inovador no jornalismo português oitocentista – Eduardo Coelho e O Diário de Notícias, **Revista PJ:Br – Jornalismo Brasileiro**, ano VI, n.o 12, Novembro de 2009.

UNESCO. **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Editado por J. F. Ade Ajayi, Brasília, UNESCO, 2010.